

IMPrensa LITERÁRIA E FEMININA NO SUL DO BRASIL DO SÉCULO XIX E A QUESTÃO DA INSERÇÃO SOCIAL DA MULHER ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Francisco das Neves Alves*
Luciana Coutinho Gepiak**

Resumo: Este ensaio visa a estudar algumas manifestações acerca da relevância da educação como fator de inserção da mulher na sociedade do século XIX, a partir da análise de alguns artigos publicados em dois periódicos literários e femininos sul-brasileiros, a *Violeta* e o *Corimbo*.

Palavras-Chave: imprensa literária e feminina, sul do Brasil, educação da mulher, *Violeta*, *Corimbo*.

Abstract: This essay aims to study some manifestations about the relevance of education as a factor of insertion of women in the society of the nineteenth century, based on the analysis of some articles published in two literary and feminine periodicals in South-Brazilian, *Violeta* and *Corimbo*.

Key Words: literary and feminine press, southern Brazil, women's education, *Violeta*, *Corimbo*.

* Professor Titular da FURG. Doutor em História – PUCRS. Pós-Doutorado junto ao ICES/Portugal (2009), à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015) e à UNISINOS (2016). fnah@vetorial.net

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura – FURG. lcgepiak@gmail.com

É no estudo apurado das letras
Que a mulher procurar deve a luz,
Não nos bailes, nas salas festivas
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus,
Estudar é buscar no trabalho
Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois, ó flores singelas
Meigas virgens que em trevas viveis,
Que áureo prêmio de vossos trabalhos
No saber muito breve achareis.
(*Violeta*, 20 abr. 1879. p. 4)

A partir da segunda metade do século XIX, ocorreu um processo crescente de especialização do jornalismo brasileiro, passando a circular publicações voltadas a um mote editorial específico e/ou destinadas a interesses a determinados segmentos em termos de público leitor. Um dos setores mais notáveis de tal especialização jornalística foi a imprensa literária, com propostas de difusão da literatura, propagação da leitura e oferta de entretenimento. Outro segmento foi a imprensa feminina, normalmente representada por periódicos redigidos/dirigidos por mulheres, as quais também compunham o maior público consumidor desses jornais. Muitas vezes houve a associação entre o periodismo feminino e o literário, com folhas editadas por mulheres e voltadas à temática literária, que se espalharam pelo Brasil. No Rio Grande do Sul, essa prática foi a essência editorial de dois periódicos, *Violeta* e *Corimbo*, os quais trouxeram em suas páginas a discussão acerca da inserção social da mulher através da educação.

A imprensa rio-grandina, tal qual a rio-grandense como um todo, iniciou sua jornada fortemente articulada com os episódios que marcaram a Revolução Farroupilha,

estabelecendo-se um jornalismo político-partidário e engajado. Após o encerramento daquela guerra civil, pouco a pouco o Rio Grande do Sul passou por um processo de recuperação econômica, política e cultural, de modo que tanto no contexto provincial quanto citadino, houve um crescimento e uma certa diversificação da imprensa, com o surgimento de outros estilos jornalísticos. Nas décadas seguintes, tal diversidade viria a resultar numa verdadeira especialização do jornalismo, surgindo periódicos com pautas editoriais e voltados a públicos específicos. Foi nessa conjuntura que se deu a evolução da imprensa literária (ALVES, 1999, p. 105-154).

Os periódicos literários tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento da literatura rio-grandense, exercendo forte influência na produção e divulgação literária provincial (BAUMGARTEN; SILVEIRA, 1980, p. 12). As dificuldades de publicação de livros faziam com que os jornais se tornassem veículos que levavam em frente os textos em prosa e verso dos escritores gaúchos. A cidade do Rio Grande, uma das mais importantes do Rio Grande do Sul da época, teve relevância no contexto cultural rio-grandense, possuindo vários periódicos e o precursor gabinete de leitura da província. Tal ambiente foi também propício ao aparecimento nesta cidade de algumas das mais importantes publicações periódicas literárias do sul do Brasil.

Dentre estas publicações literárias, algumas delas foram também representantes da imprensa feminina. Tal jornalismo é aquele no qual as mulheres atuam tanto como receptoras quanto como produtoras de leitura, com destaque para o conteúdo e o tipo de linguagem específicos neste tipo de periódico (BUITONI, 1986, p. 8). Dentre estes jornais, houve certa diversidade, variando desde os feministas os mais conservadores e aqueles que pretenderam manter certa neutralidade perante este debate. Havia ainda os que se

dedicavam ao passatempo, os voltados a determinados segmentos como a jovem, a mãe de família, a adolescente, a estudante, e também os destinados a temáticas específicas, como literatura, educação, política, lazer, moda e humor e, finalmente, aqueles mais diversificados, trazendo de tudo um pouco, como poesia, romance, charadas e escritos militantes (DUARTE, 2016, p. 22). Estes periódicos também atuavam como normativos, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamento desejáveis para a mulher da época (COHEN, 2008, p. 117).

Na execução desta imprensa literária e feminina na conjuntura sul-rio-grandense tiveram uma destacada participação as escritoras Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloisa de Melo. Como era padrão no contexto intelectual do século XIX, as duas irmãs exerceram múltiplas atividades, de modo que, além da obra literária, escrevendo livros e artigos, desempenharam paralelamente outras carreiras, principalmente a jornalística, gerenciando periódicos, redigindo-os ou colaborando com suas redações (MARTINS, 1978, p. 362 e 375; VILLAS-BÔAS, 1974, p. 313 e 325).

Julieta de Melo Monteiro apresentou uma obra prolífica, cindida por dois impulsos bem delineados. Por um lado, a razão calma e reflexiva a serviço de uma prosa combativa e tenaz, analisando a sociedade de seu tempo, notadamente quanto às questões de gênero e à socialização da mulher, inclusive quanto à sua inserção no processo social, expondo as limitações a ela impostas e apontando a luta pela conquista da cidadania. Por outro, manifestou uma imaginação sensível e inquieta, dando vazão a uma voz lírica, sustentada pela magnificação da dor, oriunda das perdas sofridas ao longo de sua vida (SCHMIDT, 2004, p. 307-308).

Revocata Heloísa de Melo, de índole romântica, teve uma personalidade forte e uma atuação combativa, lutando por suas ideias em um contexto carregado de polarizações e

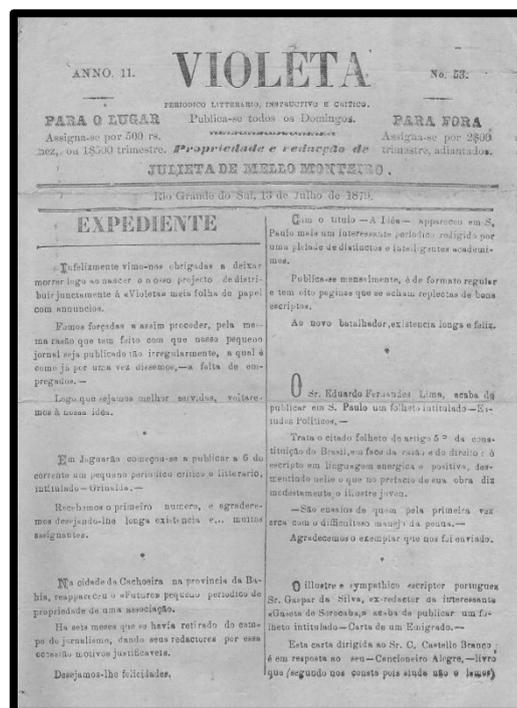
preconceitos. Defendeu a abolição da escravatura e manifestou certo antagonismo para com o modelo autoritário que dominou o Rio Grande do Sul ao longo da República Velha. Seu pensamento foi influenciado pelo ideal maçônico de liberdade, justiça e paz, o qual foi difundido através de seus escritos. Como poetisa, jornalista, teatróloga e educadora, ela teve uma atuação ímpar no cenário das letras rio-grandenses (SCHMIDT, 2004, p. 893-894).

Ambas as escritoras tiveram um papel fundamental na edificação da imprensa literária e feminina sulina. Julieta Monteiro foi responsável pela edição da *Violeta*, pequeno periódico literário e cultural que circulou ao final dos anos setenta, tendo na sua irmã uma de suas principais colaboradoras. Revocata de Melo, por sua vez, dirigiu o *Corimbo*, uma das mais longevas publicações literárias, cuja circulação atravessou décadas, e no qual a sua irmã atuou na redação até a sua morte.

A *Violeta* circulou de março de 1878 a julho de 1879 e se apresentava como “periódico literário, crítico e instrutivo”. Era um semanário impresso em tipografia própria e apresentava uma proposta essencialmente literária. As suas sessões mais recorrentes eram “Rosas literárias”, com textos em prosa; “Íris poético”, trazendo versos; “Miríades”, compreendendo normalmente correspondências das leitoras; e a “Revista dos jornais”, com a apresentação dos jornais intercambiados. O periódico voltava-se rotineiramente a tecer comentários sobre outros jornais e obras bibliográficas. Foi um típico representante da pequena imprensa, enfrentando amplas dificuldades na manutenção de suas edições, o que não o impediu de realizar forte intercâmbio com outras publicações no âmbito provincial, nacional e até internacional.

Enquanto existiu, a *Violeta* levou em frente suas propostas, abrindo espaço para a publicação de textos redigidos no contexto local e regional, divulgando uma profícua produção, numa atividade acrescida pelo mérito de

ser uma das poucas publicações que se destinou a editar escritos de autoria feminina que se espalharam pelo Brasil e pelo mundo, tendo em vista a bem elaborada rede de intercâmbios promovida a partir de suas metas editoriais, de modo que, ao longo do tempo em que circulou, cumpriu à risca a sua missão (ALVES, 2013, p. 139). Para a edição deste periódico, a ação de uma ainda muito jovem Julieta de Melo Monteiro, foi fundamental.

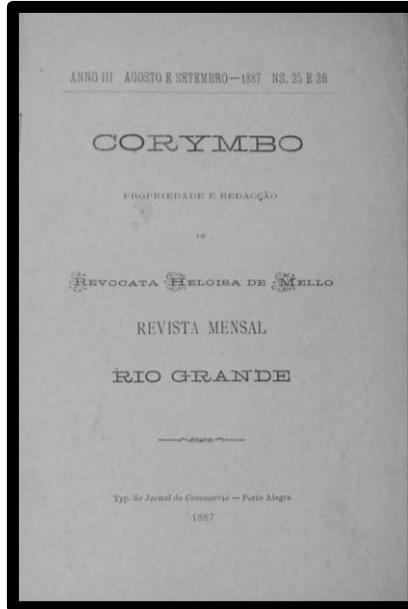


A primeira página de um exemplar do semanário *Violeta*

Outro representante da imprensa literária e feminina sulina foi o *Corimbo*, cujo título significa inflorescência indefinida na qual os pedúnculos são de comprimento desigual, mas todas as flores estão pouco mais ou menos

definidas no mesmo plano. O seu período de existência foi longo, tendo circulado entre 1883 e 1943, com algumas interrupções. Sua circulação foi variável ao longo do tempo, tendo sido semanal e mensal. Era impresso em várias tipografias como na Livraria Americana, e na tipografia do Diário do Rio Grande e do Comercial, todas na cidade do Rio Grande e do Jornal do Comércio, de Porto Alegre. Foi sempre uma publicação literária, divulgando textos de autores variados. Ainda que pudesse ser lido por ambos os sexos, o público preferencial do *Corimbo* era o feminino. Como representante da pequena imprensa, enfrentou várias dificuldades para sobreviver, mas se manteve por um período extraordinário, tendo em vista a persistência de sua idealizadora, redatora e proprietária, Revocata de Melo.

O *Corimbo* foi um periódico escrito e lido, em sua maioria, por mulheres, numa época em que produtos tendo como público-alvo específico o sexo feminino eram esparsos e pouco valorizados. Dentre as publicações periódicas gaúchas, tal periódico foi um dos que teve maior duração temporal, de modo que, tendo em vista os seus longos sessenta anos de vida, atravessou momentos estéticos diferenciados. Nesse sentido, começou a circular no momento em que o Romantismo dava seus últimos passos em território sulino, ao passo que a prosa assistia ao surgimento do Realismo e à consolidação do Regionalismo, enquanto a poesia era marcada pelo Parnasianismo e, posteriormente, pelo Simbolismo. Já nos anos 1920, se faziam sentir as inovações do Modernismo, mas os trabalhos presentes na revista não chegaram a acusar tal sopro inovador (PÓVOAS, 2007, p. 30).



O *Corimbo* em dois de seus formatos – mensal e semanário

Foram muitos os temas presentes nas páginas da *Violeta* e do *Corimbo* ao longo da época em que circularam. Alguns foram bastante recorrentes e, dentre eles os assuntos educacionais tiveram destaque, com muitos escritores dedicando seus textos a tal temática. Em meio a estes textos, houve uma preocupação especial com a questão da educação da mulher. Na concepção dos mesmos, em linhas gerais, ainda que não houvesse a pregação de que as mulheres deveriam abandonar suas funções ligadas ao âmbito doméstico, tornava-se também necessário que ela se instruisse. Tais ideias não deixavam de ir ao encontro de uma possibilidade de realocação do papel da mulher na sociedade e sua incidência durante o período de existência da *Violeta* (1878-1879) e nos primeiros anos de circulação do *Corimbo*, dentre aqueles que ainda são remanescentes (1886-1887), pode ser verificada a partir dos seguintes breves estudos de caso.

Na edição de número 45, a *Violeta* publicou o texto anônimo “A educação da mulher” (*Violeta*, 20 abr. 1879. p. 2). Ainda assim, ficava revelada a autoria feminina, uma vez que o artigo era aberto pela frase indicativa de que a educação feminina era “uma das principais, senão a primeira das bases da nossa felicidade”. O texto demarcava que aquele era um debate recorrente, explicando que “inúmeros escritores de ambos os sexos se têm ocupado deste assunto”, colocando claramente a sua posição diante do tema. Nessa linha, a autora afirmava que não se incluía no “número daquelas pessoas que julgam a mulher apenas apta para o serviço doméstico; apesar do que algumas penas assaz abalizadas o tem julgado”.

Mesmo assim, a articulista afirmava que também não concordava “com a educação exclusivamente literária, pois a ser assim não sabemos no que se tornará o lar doméstico”, nos momentos, em que “o homem, o chefe da família tivesse de abandoná-lo para cuidar dos afazeres próprios de seu

sexo”, ou seja, “para procurar os meios de subsistência para sua família”, enquanto que “a esposa, encerrada em seu gabinete, se ocupasse com seus estudos, deixando a casa entregue apenas aos fâmulos”.

Diante das duas perspectivas, a autora optava por uma vertente conciliadora, afirmando que “em nossa fraca opinião existe o meio termo”. A articulista revelava-se jovem, destacando que não estava habilitada “a aconselhar as mães de família, especialmente neste ponto, visto à nossa pouca idade”, o pouco conhecimento e o fato de não ser mãe. Entretanto, enfatizava que naquele caso, “o meio termo como em todas as coisas, parece-nos o melhor método a seguir”.

Dessa maneira, o artigo sustentava que “a menina deve compreender desde os seus primeiros anos, o que um dia deve vir a ser”, ou seja, “uma boa dona de casa”. Assim recomendava que esta menina deveria “ser arranjada, cuidadosa em seus afazeres – que os deve ter desde que suas forças o permitam – econômica, estudiosa, etc”. Por outro lado, defendia que as meninas não deveriam ser criadas “em completa prisão”, de modo que pudessem ter “horas consagradas ao trabalho físico, ao moral e às distrações próprias de sua idade”.

Ainda a respeito da formação feminina na mais tenra idade, a articulista exclamava o quanto seria “triste quem não teve ao menos as felicidades da infância”, as quais deveriam ser aproveitadas. A respeito da evolução etária da mulher, a autora dizia que, “mais tarde, quando se desenvolve o gosto pelo belo, já não necessitamos que nos mandem estudar”, de modo que, “mesmo quando os muitos afazeres roubam todos os instantes”, sobrava para ela “a noite, a hora da tranquilidade, a melhor para essa bela ocupação”.

Com firmeza, a escritora defendia que “o estudo é sempre útil”, parecendo-lhe “incrível até que pessoas haja que digam não saber para o que servem as letras”. Utilizando-se de

um adágio popular – “Enfim, ‘dos pobres de espírito é o reino dos céus’” – a autora demarcava a sua completa discordância daqueles que não reconheciam o valor das letras.

O misto entre ideias mais progressistas e outras mais conservadoras, ficava evidenciado no fato da articulista valorizar a formação religiosa. Nesse sentido, concluía que “apesar das novas ideias, dessas que a cada instante ouvimos pregar, aconselhamos à mulher a religião”, pois “aquela que não crê em Deus, jamais pode ser cumpridora de seus deveres”. Considerava também como “abominável a mãe de família sem crenças religiosas” e, mais uma vez apelando para o meio termo, finalizava dizendo: “Sempre a fé em Deus, porém nunca o estúpido fanatismo”.

Mais tarde, a *Violeta* publicou “A mulher e seus direitos”, trazendo Revocata de Melo como autora (*Violeta*, 1º jun. 1879. p. 1-2). Ainda que reconhecesse a mulher como “o anjo do lar”, a escritora questionava porque não haveria “a mulher nascer para grandes cometimentos”, uma vez que “o gênio desconhece os sexos”, de modo que, “desde a antiguidade” em tanta “fonte feminina” ele havia “derramado suas brilhantes fagulhas”.

Segundo o texto da lavra de Revocata, “a mulher que, por meio do estudo e das letras, busca a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria”, o qual aclarava o espírito e desterrava a ignorância, era “mais digna de louvores e de admiração que o homem”, já que ela tinha de associar sua “luta na esfera doméstica”, com o intento de “dar amplo espaço às suas aspirações de glória”. Na concepção da autora, era um erro “pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos”.

A jornalista chegava a citar o exemplo de uma senhora que, sem jamais ter faltado com o cuidado para com a família, “não deixou por isso de estudar, procurar livros científicos, e, no silêncio das noites, ilustrar seu espírito”,

vindo, mais tarde, a levar a suas filhas “o amor pela literatura”. A visão de mundo de Revocata de Melo ficava demarcada ao concluir o artigo com a exortação de que a deixassem hastear o seu estandarte e soltar o seu “grito não de rebelião, nem da revolta anarquista, mas sim de apelo ao templo de Minerva” e “à luta em prol de nossos direitos”.

Já o *Corimbo*, na sua edição de outubro de 1886, publicou o texto “A instrução”, sem identificação de autoria (*Corimbo*, out. 1886. p. 3-4). Segundo o artigo, a instrução representava a possibilidade de ascensão social, pois ela “é a tempestade revolucionária que derroca os privilégios egoísticos e eleva o homem de talento aos mais altos cargos sociais”, bem como “é o relâmpago que ilumina as míseras choupanas dos infelizes e muda-lhes a condição”. O texto traçava um paralelo entre aqueles que “só desejam a instrução para si”, vendo-a “como um facho incendiário, um princípio anarquizador da sociedade, como até aqui era entendida”, enquanto outros “a adoram, como os crentes a Deus, a consideram, e com razão, a lei reguladora dos destinos da humanidade”, ou ainda como aquela lei sob “cuja força se partiram as cadeias que a manietavam ao poste de todas as degradações, deixando-a livre para a consecução de todos os direitos”.

Também sob a perspectiva elogiosa, o artigo dizia que “a instrução multiplica as forças do homem e arrasa as barreiras que se opõem à marcha da civilização”, aparecendo “como o apóstolo que anuncia o engrandecimento futuro de um povo”. Ao descrever o mote em pauta, o artigo afirmava que “as ciências, as letras e as artes ligam-se e desenvolvem-se mútua e reciprocamente”, vindo a ser “os motores da vida das nações”. Diante disso, “os homens erram, param e sucumbem”, enquanto “outros surgem que trabalham e acertam”, levando a “crer que a onda da civilização continuará sempre acumulando materiais para a perfeição

indefinida da humanidade”.

O texto revelava certas mudanças ocorridas em termos educacionais e de concepção de mundo, ao explicar que “a filosofia emancipando-se da teologia, fez surgir a escola moderna, que abalou todas as ideias perniciosas do passado”. Ao apresentar detalhes de tal transformação, o artigo mostrava simpatias pela escola positivista, descrevendo que “o solo está juncado de destroços das antigas teorias”, de maneira que “o edifício onde se abrigam os metafísicos estala, fende-se e rui por todos os lados”, porém, “como por encanto, erguem-se junto dele os alicerces do novo templo das ciências positivas cujo progresso no século atual vai exercendo a maior e mais benéfica influência sobre a sociedade”.

Ainda levando em frente alguns tópicos do ideário comtiano, o texto defendia que “propagar a instrução é atender às urgentes necessidades da época” que se atravessava, a qual era marcada por “transformações e reorganização social”. O artigo destacava também que “a lei das evoluções humanas impõe aos povos o dever de instruírem-se e propagarem os resultados conseguidos pela sua atividade científica”.

Na concepção do texto publicado nas páginas do *Corimbo*, “a instrução deve ser objeto de todos, porque ela tende a ensinar ao cidadão que, para resistir, impavidamente, às várias privações da vida”, só se deveria “contar consigo mesmo, isto é, com os elementos de que possa dispor”. Explicando o sentido pensado em relação à instrução, o artigo dizia que era “fora de dúvida que as lições de mestres, por melhores que sejam, não formam por si só, o que se chama educação”, pois elas serviriam “para esclarecer o espírito, desenvolver a razão, exercer as faculdades da alma e formar o coração”. Além disso, os ensinamentos dos educadores dariam “à criança os primeiros conhecimentos”, entretanto

haveria “outro ensino fecundo e proficuo, a leitura dos bons livros, que são, por assim, dizer, os mestres mudos das ciências e das artes”.

O artigo sustentava também que “se as disparidades das inteligências e das condições são o efialta deste áureo sonho, desta insônia, desta utopia que quer a instrução difundida por todas as classes sociais”, não seria “menos uma lei natural a propagação da instrução primária”, de modo que “essas noções elementares” e “esse suco de vida vazado por todas as inteligências” venceriam distâncias, superando dificuldades, subindo montanhas” e “descendo vales em procura da mais longínqua aldeia, visitando a mais humilde choça”, a qual permitisse “abrigar uma inteligência” que se pudesse fazer com que entrasse “no conhecimento de seus deveres, no exercício de seus mais sacros direitos de cidadão”.

Finalmente, o texto era concluído com a afirmação de que a instrução representava “a fagueira esperança deste século que, altivo e sobranceiro, marcha iluminando as sêmitasescarpas da ignorância”, constituindo-se também na “grande obra do progresso”, mantendo “o seu mais glorioso afã no campo vasto e fecundo das maravilhas científicas”.

Na mesma edição de outubro de 1886 do *Corimbo*, aparecia o artigo “A educação da mulher”, também publicado sem a indicação da autoria (*Corimbo*, out. 1886. p. 16-17). O textobuscava demonstrar que o debate em torno do tema indicado no título era recorrente, explicando que aquela era uma “questão que tem ocupado de alguns anos para cá todos os jornalistas, e tem sido assunto de importante discussão”. De saída, o artigo já fazia uma ressalva, propondo que não se confundisse “a instrução com a educação”, as quais deveriam ser “bem discriminadas e consideradas como devem ser”.

O texto revelava que não acompanhava “o sistema dos ‘livre-pensadores’ que, fingindo propugnarem pela educação da mulher, só têm em vista a perverterem por meio de uma

instrução superficial e toda material”, a qual, “longe de enobrecer a mulher, recomendá-la ao respeito, ao acatamento”, pelo contrário, “a enchem de teorias, de princípios errôneos, de vaidade e a degrada”. Segundo o artigo, o ideal era “a instrução que não olvide a educação, e que a eleve, a exalte, e a faça compreender sua nobre missão na sociedade e na família”.

Na perspectiva do artigo jornalístico, “a verdadeira grandeza da mulher não está nela ter alguns conhecimentos sobre política, literatura e diversas ciências”, devendo também ter “um coração bem formado que lhe sirva de guia nos deveres que lhe impõe a sociedade, e de garantia contra os perigos contínuos que lhe são armados por esses falsos propugnadores da ilustração da mulher”. O artigo defendia assim que a mulher não fosse “privada da instrução”, de modo que pudesse “ajuntar à beleza, as graças naturais, o espírito, a erudição, a linguagem limada, o interesse na conversação”.

Apesar de defender a educação feminina como uma alternativa para que a mulher pudesse ter um alcance mais amplo em sua formação pessoal, o artigo não pretendia que, a partir de tal instrução, houvesse uma ruptura com o tradicional papel social atribuído à mulher. Dessa maneira, ficava demarcado o desejo de que a “instrução não faça da mulher um perigo, um motivo de desgraça da família”. Nessa linha, a mulher deveria ter os “sentimentos alevantados e criados pelos ensinamentos de uma educação aperfeiçoada”, desde que mantidos “os princípios da verdadeira moral”.

De acordo com esse pensamento, o texto questionava de que serviria “a mulher conhecer literatura, falar em política, ter lido os romances, se a vida doméstica a enfastia, se os deveres de mãe lhe são incômodos?” Perguntava também, qual seria a serventia daqueles “conhecimentos a uma moça que, devendo ser um anjo da família, as alegrias do país, as

consolações da mãe, o comprazimento de seu irmão”, quisesse “passar, ostentar vaidade em vão, conhecimentos criados com prejuízo da família e da economia?”

Diante disso, a conclusão do artigo era elaborada a partir de um apelo pela compreensão das “amáveis leitoras” a respeito da “necessidade da instrução”, para que, a partir dela, as mulheres pudessem “cumprir seus deveres na sociedade e na família”, uma vez que, “só pela educação farão a felicidade do lar e merecerão o respeito, a estima e o contentamento de todos”. Já no ano seguinte, na edição de junho e julho de 1887, o *Corimbo* voltaria ao tema, republicando o artigo intitulado “A educação da mulher” (*Corimbo*, jun.-jul. 1887. p. 20-22), com praticamente o mesmo conteúdo do texto publicado pela *Violeta* em abril de 1879, mas, desta vez, indicando por autoria apenas o pseudônimo “Marieta”.

Esta foi apenas uma brevíssima amostragem levando em conta os textos editados nestes dois periódicos voltados à literatura e à escrita feminina. Estes artigos revelam a abertura das duas publicações representantes da imprensa literária e feminina a opiniões se não divergentes, ao menos diferentes entre si, aparecendo desde preceitos mais liberais ou até progressistas, até outros, mais conservadores, bem como desde o ideário positivista e suas bases científicas, até a pregação da fé religiosa.

Em comum os textos defendiam a importância da educação como uma das únicas formas de ascensão social e formação de bons cidadãos. Especificamente no que tange à mulher, prevalecia aquela dicotomia entre progressismo e conservadorismo, de modo que a instrução era vista como algo prioritário, sem que houvesse o abandono dos tradicionais papéis sociais femininos vinculados às questões domésticas. Ainda que tais artigos não revelassem um exaltado feminismo, nem mesmo próximo dos pressupostos

que viriam a caracterizar tal movimento mais contemporaneamente, só o fato de proporem uma alternativa às tradicionais formas de inserção da mulher na sociedade, já poderia ser considerado um avanço. Não havia o vislumbre mais radical da libertação feminina das amarras impostas pelas convenções sociais, mas ficava demarcada a possibilidade da assimilação de conhecimento como um fator diferencial para a formação da mulher, como bem revelam os versos intitulados “O estudo”, publicados na *Violeta* e que servem de epígrafe a este trabalho. E foi também através do conhecimento e do livre pensar que as mulheres viriam a, progressivamente, galgar seus espaços sociais, nas décadas que se seguiram aos escritos aqui abordados.

Referências bibliográficas

- ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.
- ALVES, Francisco das Neves. *Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*. In: *Miscelânea*, Assis, v. 14, p. 125-141, jul-dez. 2013.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; SILVEIRA, Carmem Consuelo. O Partenon Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina. *O Partenon Literário: poesia e prosa – antologia*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Instituto Cultural Português, 1980. p. 12-16.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.
- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978.

PÓVOAS, Mauro Nicola. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. P. 29-38.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, ZahidéLupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX – antologia*. 2.ed. Florianópolis: Editora das Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 306-319 e 892-902.

VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação, Instituto Estadual do Livro, 1974.

Recebido: 12/03/2016

Avaliado: 19/05/2016